ISSN: 2358-8829

INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA FEMININA: O APAGAMENTO HISTÓRICO DAS MULHERES E O PAPEL DO ENSINO DE HISTÓRIA

Maria Fernanda Alves de Menezes[1]
Maria Vitória Jesus de Nazaré do Nascimento[2]
Maria Luzinete Macêdo do Nascimento[3]
Geisiane Cipriano dos Santos[4]
Rosineide Maria Gonçalves[5]

INTRODUÇÃO

A historiografia, também conhecida como a escrita da história, representa o registro escrito e a interpretação de mundo dos historiadores ao longo do tempo. Olhando para essa produção historiográfica percebe-se que até o início do século XX, as narrativas escritas eram, majoritariamente, voltadas à História Tradicional. Assim, os relatos do vivido eram registrados e difundidos, predominantemente, a partir do olhar de homens que ocupavam a elite, enquanto os grupos sociais que estavam à margem dos espaços de poder, ainda que registrados, não tinham abertura de ocupar o lugar do conhecimento sistematizado.

Partindo desse ponto, é importante buscar elucidar a justificativa para que alguns grupos sociais tenham mais ou menos registros escritos. Sendo assim, um dos possíveis esclarecimentos está contido na obra "História e Memória", de Jacques Le Goff, em que ele afirma que muitas vezes os documentos são produzidos pelos grupos que detém o poder político, econômico ou religioso, isto é, "tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades [...]" (1990, p.426). Logo, as retratações dos grupos subalternizados eram escassas quando se trata desse tipo de fonte positivista, e quando retratados eram expostos por uma perspectiva elitizada e estereotipada.

Mas afinal, quais os grupos sociais sofreram com essa invisibilidade nos registros escritos, e qual deles este estudo buscou evidenciar? Além disso, é importante entender

[1] Graduanda em História pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida – PE, 2025139290@app.asces.edu.br;
[2] Graduanda em História pelo Centro Universitário de Almeida – PE, 2025139298@app.asces.edu.br;
[3] Graduanda em História pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida – PE, 2025139289@app.asces.edu.br;
[4] Graduada em História pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida – PE, profgeise.g1@gmail.com;
[5] Mestra em Serviço Social pela UFPE e graduada em História pela UNIVISA – PE, rosineidegonçalves@asces.edu.br.

por que as fontes escritas tiveram tanta relevância até o começo do século XX e como isso mudou? Em relação ao primeiro questionamento, afirma-se que grupos historicamente invisibilizados são compostos por pessoas pobres, escravizadas, trabalhadoras do campo e da cidade, originárias e por mulheres de várias classes sociais. Desta feita, neste estudo foi priorizado discutir vivências de mulheres invisibilizadas pela história.

No que concerne às fontes escritas e seu destaque, entende-se que foram dominantes até o século XX, em razão da influente corrente teórica chamada de "positivismo" que havia instituído que a verdade histórica estaria presente apenas nos documentos oficiais, ou seja, outros tipos de fontes eram inválidos aos "olhos" de alguns historiadores. Contudo, esse cenário começa a ganhar novos rumos com o surgimento da Escola dos Annales em 1929, um movimento intelectual que surge trazendo à tona que "[...] tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações [...]" (Bloch, 2001, p.79).

Dessa forma, o surgimento da Escola dos Annales, trouxe para a História uma "nova roupagem" e passou a ser uma "Nova História" que evidenciava que a ausência de registros escritos oficiais sobre as classes marginalizadas não significava que esses grupos não tiveram participação nas decisões da vida social, pelo contrário, isso evidenciava que seus modos de vida, suas lutas e resistências foram considerados pouco relevantes pelas elites que elaboraram as narrativas oficiais a serem difundidas.

Com a ampliação permitida pelos novos olhares, compreendeu-se que a validação de outras fontes possibilita o acesso ao conhecimento do cotidiano, das mentalidades e das camadas populares, surgindo assim novos campos de estudos, como é o caso dos estudos voltados à História das Mulheres que propicia narrativas, como a das Mulheres de Tejucupapo ganharem notoriedade, isto é, ressaltar e recuperar essas trajetórias representa uma disputa pela memória e pela escrita da História.

Contudo, faz-se imperioso salientar que embora a "Nova História" seja uma ciência preocupada em considerar diversos tipos de fontes e entender as diferentes realidades, no ambiente escolar ainda é um desafio tratar sobre algumas temáticas. Isso acontece, entre outras razões, porque o sistema educacional ainda privilegia nos seus currículos a História Tradicional, somado ao déficit na formação dos professores sobre a participação das mulheres na História. Logo, ainda que a História tenha ampliado seus

campos de estudo, nas salas de aula a abordagem sobre mulheres e sua participação na história precisa ser amplificada.

Nessa perspectiva, o presente estudo partiu da seguinte questão: como a História das Mulheres foi invisibilizada ao longo do tempo e qual pode ser o papel do ensino de História na valorização dessas narrativas? Com base nesse questionamento, objetiva-se discutir o apagamento das mulheres na historiografia tradicional e compreender como a recuperação de narrativas historicamente invisibilizadas, como a das Mulheres de Tejucupapo, contribui para a formação do pensamento histórico no contexto escolar contemporâneo. Para responder a esse problema, o trabalho aqui apresentado está organizado em três momentos: inicialmente, analisa-se a construção da História das Mulheres; em seguida busca-se recuperar uma "memória apagada" referente às Mulheres de Tejucupapo; por fim, reflete sobre o papel do ensino de História na valorização dessas narrativas femininas, destacando sua contribuição para a construção de uma consciência histórica crítica, plural e inclusiva.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e articulada às observações de campo do estágio supervisionado e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Desse modo, o percurso metodológico buscou compreender os processos históricos de invisibilização das mulheres, as relações entre História, memória e poder e as possibilidades de abordagem dessas questões no ensino de História.

Para a fundamentação teórica, foram mobilizadas as contribuições de Francisco Falcon (1997), Michelle Perrot (2007; 2017), Maurice Halbwachs (2006), Gilberto Freyre (2003) e Paulo Freire (1987) considerando suas reflexões sobre a produção do conhecimento histórico, as relações de poder, a invisibilidade das experiências femininas, a construção da memória coletiva e o papel da educação na formação crítica dos sujeitos. Também foram examinadas pesquisas específicas sobre as Mulheres de Tejucupapo, com destaque para a dissertação de Rizangela Pereira Melo (2024) e o artigo de Georgia M. Sousa e Silvana Barbosa Macedo (2025), que contribuíram para a compreensão dessa experiência histórica e de suas formas de representação e preservação na memória social.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

1. A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES

De acordo com o historiador Francisco Falcon (1997), aproximadamente até o início do século XX, a produção da Historiografia esteve a serviço dos grandes acontecimentos políticos e, principalmente, dos personagens masculinos tidos como protagonistas. Além disso, havia uma grande valorização das fontes escritas oficiais, sendo elas tidas por alguns historiadores como única fonte legítima, em decorrência da força da corrente historiográfica positivista. Por conseguinte, boa parte das experiências femininas ficaram relegadas ao silenciamento e ao espaço privado, pois a atuação social delas não era permitida e tão pouco suas cartas, diários, memórias e relatos pessoais eram aceitos como fontes legítimas. Tais considerações ficam evidentes através da afirmação de Michelle Perrot (2007, p.16): "[...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no tempo de um mar abissal."

Compreende-se a imensidão da pluralidade dos acontecimentos históricos e que nem todos podem ser catalogados, mas o que houve com as narrativas femininas foi durante séculos uma verdadeira tentativa de excluí-las e minimizar a importância delas na sociedade. Segundo Thérèse Moreau, para o historiador Jules Michelet do século XIX, as mulheres quando assumem o papel de mães e esposas, ou seja, permanecem no ambiente privado, elas contribuem muito mais para a sociedade, pois a feminilização não era adequada nem na política e nem em qualquer outro setor social público, porque a ordem se romperia visto que as mulheres eram tidas como instáveis e imprevisíveis tal qual os fenômenos naturais. Desse modo, observa-se que pensamentos como esses comprovam que a concepção social da época sobre o lugar das mulheres contribuiu para que suas experiências fossem afastadas tanto dos espaços públicos quanto das narrativas históricas.

Contudo, vale salientar que anteriormente ao processo de renovação da historiografia, algumas interpretações buscavam mesmo que indiretamente analisar o lado social feminino. É nesse contexto que um estudioso chamado Friedrich Engels (1884 apud Perrot, 2017), ao buscar entender sobre o surgimento da propriedade privada e o surgimento do Estado chegou à conclusão de que algumas sociedades primitivas viviam a base de um modelo matriarcal e que esse modelo se rompeu justamente devido a necessidade de o homem passar adiante as suas posses para seus herdeiros legítimos, sendo assim, para Engels essa foi a "primeira opressão de classes". Dessa maneira,

ISSN: 2358-8829

embora ele não tivesse como objetivo construir um campo específico de estudos sobre as mulheres, sua interpretação representou uma tentativa de observar a condição feminina e sua posição sobre as transformações econômicas.

Décadas depois, já em 1929, novas correntes historiográficas foram surgindo e questionaram a valorização da História Tradicional, trazendo na bagagem novas formas de enxergar o passado. Foi com a Escola de Annales que foram ampliados os objetos de estudo, os sujeitos, os problemas e as fontes de pesquisa. Ou seja, agora existia a possibilidade concreta de o cotidiano, a vida social, a cultura, as mentalidades e as relações econômicas de grupos antes invisibilizados ganharem uma maior atenção (Falcon, 1997).

No Brasil, essa ampliação temática pode ser observada em Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, publicada inicialmente em 1933. A obra trouxe para o centro da análise elementos do cotidiano, da família, da sexualidade e das relações sociais, contribuindo para uma compreensão mais ampla da formação da sociedade brasileira. Freyre (2003, p.72), ao tratar das mulheres, reproduziu representações marcadas pelos estereótipos de gênero e raça, sintetizados na conhecida fórmula de que “branca para casar, mulata para f…, negra para trabalhar”. Dessa maneira, sua obra demonstra uma importante ampliação dos temas e sujeitos analisados, mas revela os limites de uma produção ainda atravessada por concepções patriarcais e racializadas.

Apesar dessas transformações, o campo específico da História das Mulheres não surgiu imediatamente. Foi principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970 que esse campo começou a se consolidar, impulsionado pela renovação historiográfica, pela expansão das universidades e pela influência dos movimentos feministas. As historiadoras e historiadores passaram então a questionar o silêncio produzido pela historiografia tradicional e a buscar nas fontes as experiências, trajetórias, formas de trabalho, relações familiares e modos de atuação das mulheres em diferentes sociedades e períodos históricos.

Nesse contexto, a preocupação deixou de ser apenas inserir as mulheres em histórias que já existiam e passou-se a problematizar a própria maneira pela qual as diferenças entre homens e mulheres eram construídas historicamente e, ainda, as pesquisas passaram a demonstrar que não existe uma experiência feminina única ou universal. As mulheres vivenciam a História de maneiras distintas, conforme sua classe social, raça, condição econômica, cultura, geração e outros aspectos de suas experiências.

ISSN: 2358-8829

Assim, a construção da História das Mulheres não significou simplesmente acrescentar mulheres a uma narrativa histórica anteriormente construída. Ela representou uma transformação na própria maneira de pensar e produzir a História, ampliando seus sujeitos, objetos e problemas, permitindo compreender que as experiências, antes silenciadas ou tratadas como secundárias, são fundamentais para a compreensão das sociedades ao longo do tempo.

2. A RECUPERAÇÃO DE UMA MEMÓRIA "APAGADA": MULHERES DE TEJUCUPAPO

A participação das mulheres nos acontecimentos históricos que marcaram a história do Brasil foi frequentemente secundarizada nas narrativas historiográficas. A Batalha de Tejucupapo ocorrida em Pernambuco no contexto da ocupação holandesa, constitui um exemplo significativo dessa problemática, uma vez que a atuação das mulheres da comunidade, embora reconhecida na memória local, permanece à margem das narrativas históricas de maior conhecimento popular. Nesse sentido, recuperar a trajetória histórica das chamadas Heroínas de Tejucupapo significa não apenas retomar um episódio emblemático do passado, mas também problematizar os processos que contribuíram para determinar quais sujeitos e acontecimentos seriam privilegiados na construção da memória histórica.

Diante disso, para compreender a problemática, urge situar historicamente a Batalha de Tejucupapo, sucedida em 1646, durante o período de resistência à ocupação holandesa em Pernambuco. Atualmente localizada no município de Goiana, na Zona da Mata Norte pernambucana, a comunidade de Tejucupapo foi alvo de uma investida de tropas holandesas para saquear alimentos e provisões. Diante dessa situação de conflito e da ausência de boa parte dos homens da localidade, as mulheres tiveram a iniciativa de organizar a defesa do povoado utilizando elementos que elas tinham à disposição no cotidiano para enfrentar os invasores, tais como: foices, pedaços de madeira, utensílios domésticos, água fervente e pimenta (GOIANA, [s. d.]). Nesse contexto, a resistência das Mulheres de Tejucupapo resultou na retirada das tropas holandesas e passou a constituir uma referência significativa para a memória daquela comunidade.

Dito isso, a relevância desse episódio não se restringe ao confronto ocorrido em 1646, pois a experiência das Mulheres de Tejucupapo permite problematizar a própria produção das narrativas históricas, sobretudo diante da pouca visibilidade atribuída à sua participação em um conflito armado durante o período colonial, quando comparada a

ISSN: 2358-8829

outros episódios de resistência à ocupação holandesa em Pernambuco. Assim, conforme apontam Sousa e Macedo (2025), a participação feminina na Batalha de Tejucupapo foi historicamente negligenciada, e sua valorização constitui uma forma de questionar o apagamento do protagonismo feminino na História.

Nesse contexto, entende-se que a memória coletiva assume um papel fundamental na história das Mulheres de Tejucupapo. Destarte, a partir das reflexões de Maurice Halbwachs (2006), pode-se compreender a memória como uma construção relacionada aos grupos sociais e aos quadros de referência por meio dos quais os indivíduos atribuem sentido às experiências do passado. Desse modo, a lembrança de um acontecimento não permanece imutável, sendo continuamente reconstruída a partir das relações estabelecidas no presente. Assim, no caso de Tejucupapo, a manutenção das narrativas sobre a participação das mulheres evidencia como a comunidade estabelece vínculos entre passado e presente, atribuindo novas perspectivas e significados à experiência da resistência.

3. O PAPEL DO ENSINO DE HISTÓRIA NA VALORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS DAS MULHERES

Para Bittencourt (2018), o ensino de História possui um papel fundamental na maneira como os estudantes compreendem o passado e reconhecem os diferentes sujeitos que participaram da construção da sociedade. Entretanto, aquilo que chega à sala de aula como conhecimento histórico é resultado da seleção de acontecimentos, personagens e fontes considerados relevantes para a construção das narrativas e tal processo não ocorre de maneira neutra. Como apontam Sousa e Macedo (2025), em seu estudo sobre as mulheres de Tejucupapo, a construção das narrativas históricas não corresponde a uma simples reprodução dos acontecimentos, mas envolve diferentes processos de seleção e interpretação dos vestígios disponíveis, sendo influenciada pelos paradigmas predominantes em cada período.

Nesse sentido, pensar sobre aquilo que é selecionado para compor as narrativas históricas também significa refletir sobre as relações entre História, memória e poder. A memória coletiva não é construída de maneira neutra, uma vez que determinados acontecimentos, grupos e personagens podem receber maior destaque enquanto outros permanecem à margem das narrativas. A escolha sobre aquilo que deve ser lembrado e

ISSN: 2358-8829

ensinado está relacionada às concepções de sociedade e aos grupos que, em diferentes momentos, tiveram maior possibilidade de produzir, registrar e legitimar suas próprias versões do passado. Dessa forma, o silenciamento das mulheres não significa que elas estiveram ausentes dos acontecimentos históricos, mas evidencia que suas experiências nem sempre foram consideradas dignas de registro ou de reconhecimento.

Dessa forma, a pouca presença das mulheres no ensino de História não pode ser compreendida simplesmente como consequência da ausência de sua participação nos acontecimentos históricos. Muitas vezes, o problema está relacionado aos próprios mecanismos de produção, preservação e seleção das fontes que posteriormente são utilizadas na construção das narrativas. Para Barros (2025), as mulheres, por terem sido historicamente afastadas de determinados espaços de poder e de produção documental, deixaram menos registros escritos, o que contribuiu para sua invisibilização histórica. Nesse sentido, valorizar as narrativas femininas exige também ampliar a compreensão sobre aquilo que pode ser considerado fonte histórica, incorporando documentos, imagens, obras literárias, relatos orais, produções artísticas e outras manifestações capazes de revelar experiências que não aparecem nos registros oficiais.

Essa perspectiva também pode ser relacionada às reflexões de Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, especialmente no que diz respeito ao silenciamento e à necessidade de reconhecer aqueles que historicamente tiveram sua voz negada. Para Freire (1987), a educação deve favorecer uma prática dialógica e crítica, permitindo que os sujeitos compreendam sua realidade e atuem sobre ela. Nesse sentido, trazer para a sala de aula narrativas femininas historicamente silenciadas significa não apenas acrescentar novos personagens ao conteúdo escolar, mas possibilitar que os estudantes percebam que a produção do conhecimento também está relacionada às relações de poder que determinam quem é ouvido, representado e lembrado. O ensino de História, portanto, pode contribuir para romper com uma visão única do passado ao criar espaço para diferentes vozes e experiências.

Assim, trabalhar com narrativas femininas pode contribuir para uma educação histórica comprometida com a formação de sujeitos capazes de olhar criticamente para as narrativas que recebem e perceber que aquilo que foi silenciado também possui importância histórica. A recuperação da história das mulheres de Tejucupapo, nesse sentido, não representa apenas o resgate de um acontecimento específico, mas possibilita

refletir sobre quem possui o direito de narrar, quem é reconhecido como sujeito histórico e quais experiências são consideradas dignas de permanecer na memória coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada permite compreender que a trajetória das Mulheres de Tejucupapo evidencia que a pouca visibilidade feminina nas narrativas tradicionais não significa ausência de participação nos acontecimentos, mas revela os limites das interpretações históricas predominantes. A Batalha de Tejucupapo, ocorrida em 1646, durante a resistência à ocupação holandesa em Pernambuco, constitui um exemplo da participação feminina em conflitos históricos e da necessidade de ampliar o reconhecimento dessas experiências.

A preservação dessa memória, entretanto, enfrenta desafios relacionados à sua transmissão entre diferentes gerações, sobretudo diante da pouca visibilidade que as experiências vividas por mulheres e as narrativas locais podem alcançar em espaços mais amplos de produção e propagação do conhecimento histórico. Nesse sentido, a oralidade, as narrativas familiares, as manifestações culturais e, principalmente, a encenação da Batalha das Heroínas assumem importância fundamental para a continuidade dessa memória. A necessidade de mobilizar diferentes formas de representação para preservar e transmitir essa história evidencia que a memória não é simplesmente conservada, mas constantemente reafirmada e disputada no presente.

Além de contribuir para a preservação do acontecimento, essas práticas participam do processo de ressignificação da memória das Mulheres de Tejucupapo. A distância temporal entre a batalha e suas representações posteriores não diminui sua importância, mas evidencia como determinados acontecimentos podem adquirir novos sentidos à medida que são retomados e reinterpretados pelas gerações seguintes. Nesse processo, a Batalha de Tejucupapo passou de um episódio situado no contexto das guerras de resistência à ocupação holandesa a uma referência de protagonismo feminino e resistência para a comunidade local. A permanência das encenações realizadas em Tejucupapo demonstra, portanto, como essa memória continua sendo reelaborada e reconstruída no presente, mantendo o episódio vivo no imaginário e nas práticas da comunidade.

IMAGEM 02: *Mulheres de Tejucupapo, Tereza Costa Rêgo, 2017.*

ISSN: 2358-8829



Fonte: *Mulheres de Tejucupapo (2025).*

Nesse processo de recuperação e valorização da memória, a pintura Mulheres de Tejucupapo, de Tereza Costa Rêgo, também constitui uma importante forma de representação do acontecimento. Ao colocar as figuras femininas no centro da cena de conflito, a obra contribui para o reconhecimento dessas mulheres como protagonistas da experiência histórica. Sua análise permite refletir sobre a maneira como determinados acontecimentos são retomados e representados em outros contextos históricos, evidenciando que as interpretações do passado também estão relacionadas às perspectivas de quem as produz.

À luz dessas considerações, a experiência das Mulheres de Tejucupapo apresenta possibilidades significativas para o ensino de História, pois permite abordar a participação feminina na História do Brasil, os processos de apagamento e recuperação da memória, as relações entre História e gênero e a utilização de diferentes fontes na compreensão dos acontecimentos históricos. A pintura de Tereza Costa Rêgo, por exemplo, pode ser trabalhada como uma fonte visual, a partir da qual os estudantes sejam estimulados a investigar quem está sendo representado, de que maneira essas mulheres são apresentadas, por que a artista escolheu recuperar esse acontecimento e o que essa representação revela sobre a reconstrução das memórias ao longo do tempo.

A utilização da obra em sala de aula possibilita, assim, compreender que uma fonte histórica não deve ser empregada apenas para confirmar informações previamente conhecidas, mas também como objeto de questionamento e investigação. Dessa maneira, torna-se possível compreender que uma mesma experiência histórica pode ser interpretada e representada de diferentes formas, de acordo com os contextos e as perspectivas envolvidos em sua produção. Essa abordagem contribui para que o ensino de História ultrapasse a memorização de datas e acontecimentos, aproximando-se de uma aprendizagem fundamentada na reflexão, na investigação e na problematização das fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca a importância de ampliar as investigações sobre as Mulheres de Tejucupapo, valorizando a oralidade, as memórias coletivas e as tradições populares na compreensão de experiências historicamente marginalizadas. Evidencia-se, ainda, a necessidade de fortalecer a presença das narrativas femininas no ensino de História. Espera-se, assim, incentivar novas pesquisas sobre a participação das mulheres na História de Pernambuco, contribuindo para uma historiografia mais plural e uma educação inclusiva, que reconheça as mulheres como sujeitos históricos e valorize as diferentes experiências do passado.

Palavras-chave: Historiografia; Invisibilidade; História das Mulheres; Mulheres de Tejucupapo, Ensino de História.

REFERÊNCIAS

BARROS, Vitória Regina de Luna Cavalcanti. Entre silêncios e apagamentos: as razões para a escassez de arquivos de e sobre mulheres. **Revista Estudos Históricos: história das mulheres,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 84, p. 1–20, 2025. Disponível em: [https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/91945](https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/91945?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 28 out. 2026.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127–149, 2018. Disponível em: [https://revistas.usp.br/eav/article/view/152562](https://revistas.usp.br/eav/article/view/152562?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 28 out. 2026.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 97–138.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GOIANA (PE). Prefeitura Municipal. **Teatro das Heroínas de Tejucupapo**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.goiana.pe.gov.br/portal/turismo/0/9/4813/teatro-das-heroinas-de-tejucupapo. Acesso em: 28 out. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MELO, Rizangela Pereira. **O Teatro das Heroínas de Tejucupapo:** patrimônio vivo do estado de Pernambuco. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: [https://tede2.unicap.br/items/899aa7bf-2d3c-4f42-a749-251d60aaf302](https://tede2.unicap.br/items/899aa7bf-2d3c-4f42-a749-251d60aaf302?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 29 ago. 2026.

MOREAU, Thérèse. **Le sang de l'histoire:** Michelet, l'histoire et l'idée de la femme au XIXe siècle. Paris: Flammarion, 1982. Apud PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. p. 16.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Seleção de textos e introdução de Maria Stella Martins Bresciani. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SOUSA, Georgia M.; MACEDO, Silvana Barbosa. Mulheres de Tejucupapo: feminismo e história na obra de Tereza Costa Rêgo. **Cadernos Pagu,** Campinas, SP, n. 74, 2025, e257409. Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8681696](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8681696?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 28 ago. 2026.